SERMAM NAS EXEQUIAS DA RAINHA NOSSA SENHORA, D. MARIA FRANCISCA ISABEL...

António Vieira

Digitized by Google

1089. 16

Digitized by Google

XXVII.
Vieira
B.5.
9 C.4

SERMAM
NAS
EXEQVIAS
DA RAINHA NOSSA SENHORA,
D. MARIA FRANCISCA
ISABEL DE SABOYA,

Que prégou

O P. ANTONIO VIEYRA,
da Companhia de JESUS, Prégador
de Sua Mageſtade,

Na Miſericordia da Bahía em 11. de Setembro.
Anno de 1684.

BIBLIOTECA NACIONAL 1872

LISBOA.
Na Officina de MIGUEL DESLANDES.

M. DC. LXXXV.
Com todas as licenças neceſſarias.

1089-16

LICENÇAS

Do Santo Officio.

O Senhor Arcebispo, Inquisidor Gèral, ordena, que o Reverendo Padre Meſtre Fr. Thomè da Conceição, Qualificador do Santo Officio, veja logo o Sermaõ, de que neſta petição ſe faz menção, & informe com ſeu parecer. Lisboa 14. de Agoſto de 1685.

O Secretario do Concelho Gèral
Ioſeph Cardoſo.

Cenſura do M.R.P.M. Fr. Thomè da Conceição, Qualificador do Santo Officio.

ILLVSTRISSIMO SENHOR.

MAndoume Voſſa Illuſtriſſima, que viſſe logo o Sermão, que prégou o P. Antonio Vieyra, na Miſericordia da Cidade da Bahía, em as Exequias da Rainha Noſſa Senhora. Eu o vi & revi logo. E cuidando, que os annos abateſſem a ſutileza, ou embotaſſem a lima, com que eſte ſingular Prégador diſcorréo, & polio os ſeus primeiros Sermoens: ſó digo, que de juſtiça ſe deve dar licença, para que eſte ſe communique a todos os Portuguezes, por meyo da impreſſaõ; pois ajuſtando-ſe o Author nelle com as obrigaçoens de Orador Evangelico, aſſim ſoube diſcorrer o aſſumpto do Sermão, que dividindo-o em duas partes, ſe na primeira perſuade as grandes cauſas, que

Portugal teve para o sentimento, na segunda lhe descobre, & aponta mottivos, para a consolação. Com razoens tão efficazes, com palavras tão expressivas, com estylo tão claro, & subido, que no abbreviado deste Sermão desempenhou o que pedia muitos livros. Assim o sinto. Lisboa no Convento do Carmo em 16. de Agosto 1685.

Fr. Thomè da Conceiçaõ.

O Senhor Arcebispo, Inquisidor Gèral, ordena, que o Reverendo Padre Fr. Ieronymo de Santiago, Qualificador do Santo Officio, veja logo o Sermão, de que nesta petição se faz menção, & informe com seu parecer. Lisboa 16. de Agosto de 1685.

O Secretario do Conselho Gèral
Ioseph Cardoso.

Censura do M. R. P. Doutor Fr. Ieronymo de Santiago, Qualificador do Santo Officio.

ILLVSTRISSIMO SENHOR.

MAndame Vossa Illustrissima, veja o Sermão, que prègou o P. Antonio Vieyra na Misericordia da Cidade da Bahia, em as Exequias da Rainha Nossa Senhora. Eu o vi, & revi: & achei, que a censura mais acertada, era pôrlhe o nome de seu Author por censura; pois he tão conhecida a fecundidade de seu talento, que dando a sagrada Religião da Companhia de Iesu eminentissimos sugeitos em todas as Faculdades, como cada dia vemos nos muitos, & doutissimos Livros, com que sahem a luz: nesta o reconhecem todos por Princepe dos Prègadores. Só lhe podia abater as azas de sua pêna, & diminuir os progressos de sua fama, a grandeza do assumpto,

sumpto, de que trata neste Sermão; mas elle o soube compòr de sorte, que pedindo largos discursos, o reduzio a breves periodos, tão doutos, & tão bem ponderados todos, que pòde este Sermão servir de Coroa a todos os seus escritos. E como não encontra, no que contèm, à Fè, & aos bons costumes, he dignissimo, de que se dè à estampa. Este he o meu parecer. S. Bento de Lisboa 16. de Agosto de 1685.

O Doutor Fr. Ieronymo de Santiago.

VIstas as informaçoens, pòde se imprimir o Sermão, de que nesta petição se faz mençaõ. E depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrà. Lisboa 17. de Agosto de 1685.

Manoel de Moura Manoel. Ieronymo Soares.
João da Costa Pimenta. Bento de Beja de Noronha.

Do Ordinario.

POde se imprimir este Sermão; & depois tornarà para se conferir, & se dar licença para correr. E sem ella, não correrà. Lisboa 18. de Agosto de 1685.

Serrão.

Do Paço.

MAnda ElRey Nosso Senhor, que o Doutor Bertholameu do Quental, veja este Sermão, & pondo nelle seu parecer o remeta à Mesa. Lisboa 21. de Agosto de 1685.

Roxas. Lamprea. Marchão. Azevedo.

Censu-

Censura do M.R.P. Doutor Bertholameu do Quental.

VOssa Magestade me mandou, que visse o Sermão das Exequias da Rainha Nossa Senhora, que na Misericordia da Bahia prégou o P. Antonio Vieyra da Companhia de Iesu, & puzesse nelle meu parecer. Se eu houvera de entender este preceito em todo o rigor, pudéra allegar a minha obediencia, que me nam obrigava este preceito, por ser de materia quasi impossivel, ou pelo menos muito difficil: que por tal tenho poder eu dar parecer nos Sermoens deste insigne Prégador. Mas como entendo me obriga só a dizer, se tem alguma cousa contra o Reyno, & reforma de seus costumes; digo, que não: antes muito por elle, & a seu favor, por dar neste Sermaõ esta sua tocha, sobre as mais, esta nova luz, q̃ nam he menor do que as outras, por estar a tocha mais gastada com os annos. Com ella nos descobre entre as sombras da morte os resplandores da virtude; & virtudes, que a Rainha Nossa Senhora exercitou na vida, mais fecunda de virtudes, que de descendencias. E porque na vida Sua Magestade as cobrio com tanta humildade, ordenou a Providencia Divina, que tivesse depois da morte hum Orador, que as descobrisse com tanta energía. E naõ parando a luz deste Sermaõ em nos descobrir os successos passados, nos da Rainha morta se estende a nos descobrir os futuros, nas descendencias que nos promete do Rey vivo. Praza à Divina Magestade, que se cumpra a profecia! Mas o que mais me agrada, & edifica desta luz, he alumiarnos este espelho da morte, em que vejamos os desenganos da vida: que no espelho representa a mesma imagem, o Principe, & o vassallo: que a Morte entra com o mesmo imperio pelos Palacios, & pelas cabanas. Nem ha Magestade taõ soberana, que esteja izenta da sua jurisdiçaõ: que entrando na seara com a sua foice, igualmente corta as espigas altas, & baixas, igualandoas todas entre sy, & com a terra: & que na hora de cortar nada val a altura das espigas

pigas; mas só a fecundidade dos graõs: & que nada val reynar no mundo, se depois se naõ reynar na Gloria. Onde creio piamente, que está reynando a Rainha Nossa Senhora; governandome por algũas noticias, que tive da sua vida, & dos bons sinaes, que vi na sua morte. Entre as mais cousas deste Sermão, estas saõ as que mais me movem dizer a Vossa Magestade, que he muito digno de se imprimir. Vossa Magestade mandarà o que for servido. Lisboa Congregaçaõ do Oratorio 25. de Agosto de 1685.

Bertholameu do Quental.

QVe se possa imprimir este Sermão, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario. E depois de impresso tornara à Mesa para se taixar, & conferir, & sem isso não correrà. Lisboa 27. de Agosto de 1685.

Marquez P. Roxas. Lamprea. Marchaõ. Azevedo.

Da Ordem.

PErmitto, como pede, suppostas as licenças necessarias. Lisboa 31. de Agosto de 1685.

Ioseph de Seyxas.

CConcorda com o Original. Carmo de Lisboa 2. de Setembro de 1685.

Fr. Thomè da Conceyção.

VIsto estar conforme com seu Original, pôde correr este Sermaõ. Lisboa 4. de Setembro de 1685.

Ieronymo Soares. Ioaõ da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha.

POde correr. Lisboa 6. de Setembro de 1685.

Serraõ.

TAixão este Sermaõ em hum Tostaõ. Lisboa 5. de Setembro de 1685.

Lamprea. Marchão. Azevedo.

MORTVA EST IBI MARIA, ET SEPVLTA in eodem loco. Cumque indigéret aquâ Populus; cumque elevasset Moyses manum, percutiens virgâ bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.
Numer. Cap. 20.

§. I.

FUI aquelle (Muito Alta, & Muito poderosa Rainha, & Senhora nossa: hoje tanto mais alta, & tanto mais poderosa, quanto vay da terra ao Ceo, do corpo, que se resolve em cinzas, ao espirito, deste desterro à verdadeira Patria, & do Reyno, & Coroa mortal à immortal, & eterna.) Eu fui aquelle, que préguei os primeiros annos do Reynado de Vossa Magestade, naõ em voz, mas em papel, porque mo naõ permittio entaõ a enfermidade. E eu sou o mesmo [grande lastima he, que vivaõ mais os vassallos, que os Reys] & eu sou o mesmo, que torno a prégar hoje o fim dos mesmos annos, mal ouvido tambem, & quasi sem voz, porque a levou a idade. Em hũa acção mudo, em outra pouco menos: dignas por certo ambas de se declararem melhor com o silencio; aquella pela grandeza da materia; esta pelo excesso da dor. Suprirà porèm, ó Alma por tantos titulos gloriosa, suprirà o muito, que no Ceo cantão a Vossa Magestade os Anjos, o pouco, q̃ eu na terra posso dizer aos homens.

A Mor-

2 *Mortua est ibi Maria, & sepulta in eodem loco.* Falla este Texto de Maria Irmã de Moyses, nome singular, & unico desde o principio do mundo atè a reparação delle; porque em espaço de quatro mil annos, nem nos dous mil da Ley Natural, nem nos dous mil da Ley Escrita houve outra, que se chamasse Maria. Tal he com mais soberana antonomasia a Serenissima Maria, Rainha que foi, & será sempre nossa. Taõ unica entre as que coroou o merecimento, ou a fortuna, que nem o natural, nem o escrito, nem os dotes, de que as enriqueceo a natureza, nem as cores, com que as retratáraõ as Historias, lhe poderáõ tirar jà mais a singularidade de Fenis. Mas como não basta o ser Fenis, para escapar da morte: *Mortua est Maria.*

3 *Mortua est ibi.* Morreo alli. E onde? *Ibi*: às portas da terra da de promissaõ, que he o passo, onde a morte espera, & costuma tomar os Predestinados. *Ibi*: no deserto de Sim, naõ na Cidade, senaõ no campo. *Ibi*: em hum lugar chamado Cadez, que quer dizer *mutata*. Estas foraõ as duas mudanças, que fez primeiro a doença, & depois a morte. A doença mudou a casa, a morte mudou tudo.

4 *Et sepulta in eodem loco.* E foi sepultada Maria no mesmo lugar. Hum só lugar bastou para dar sepultura à maior Princeza de Israel: mas hũa Rainha da Monarchia de Portugal, não cabe em hum só sepulcro. Jà se lhe multiplicárão Mausoléos na Europa, agora com o que temos se continuão na America, depois se seguirão os da Africa. E porque nam tem mais partes o mundo, serão os da Asia os ultimos. Digase daquella Maria: *Sepulta est in eodem loco*: & nòs digamos com verdade, o que jà se disse por lizonja: *Iacere Vno non poterat tanta ruina loco.* Martial. l. 5. Ep. 75.

5 Vay por diante o Texto, & crescem as maravilhas: *Cumque indigeret aquâ Populus.* Morta, & sepultada Maria, faltou a agua ao Povo. E por-

porque? Porque no mesmo ponto se secárão, & sumírão as fontes, como se sepultassem com ella. O maior milagre, que se vio na peregrinação dos filhos de Israel, foi que os seguia hũa penha, da qual manavão fontes perennes, de que todos bebião: *Bibebant de consequente eos petra.* E estas forão as fontes, que agora parárão, & se sumírão. Mas porque não antes, nem depois, senão agora? Respondem os Interpretes mais antigos, segundo as tradiçoens daquelle tempo, que esta agua milagrosa foi concedida no deserto pelos merecimentos, & oraçoens de Maria. E quiz Deos, que na sua morte faltasse a mesma agua, & padecesse sede o Povo: *Cumque indiget et aquâ Populus*; para que todos conhecessem a quem devião tão singular beneficio. Oh se Deos revellasse a Portugal os beneficios, que lhe fez, & os males, de que o livrou pelos merecimentos, & oraçoẽs de quem alli está sepultada! He certo, que se forão grandes os sentimentos na sua morte, muito maiores serião as saudades da sua vida. Notavel caso foi, que aquelles mesmos homens, a quem Maria causava fastio, a morte de Maria causasse sede! Mas esta he a ingrata condição do natural humano, sentir mais o que perde, do que estimar o que logra. Por isso permittio Deos, que perdessemos o bem, que tinhamos, para que o conhecessemos melhor na falta delle.

1. Cor. 10. 4.

6 Esta falta porèm, & esta perda tão grande teve por ventura naquelle caso, & poderá ter no nosso, algum remedio, ou repáro? Sim: muito prompto, & igualmẽte milagroso: *Cumque elevasset Moyses manum, percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.* Assim como a morte com o mesmo golpe, com que tirou a vida a Maria, secou as fontes, assim a Vara de Moyses dando dous golpes em hũa pedra, fez, que brotassem outra vez com maior abundancia. De sorte, que tão fóra esteve a perda de ser irreparavel, que antes se restaurou, &

melhorou com grandes ventagens. E para que fosse maior a maravilha, & maior a propriedade do nosso caso, consistio todo o remedio de hũa, & outra perda: Em que? Em se dobrarem, & se repetirem os golpes: lá em hũa pedra, cá em hum Pedro: *Percutiens virga bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.*

7 Esta foi a grande falta, que padecéo o Povo com a morte de Maria. Este foi o grande remedio, com que se restaurou depois da sua morte. E esta será a grande materia do presente Discurso, dividido tambem em duas partes. Na primeira, veremos as grandes causas, que tem a nossa dor na morte de Sua Magestade, para a chorar, como devemos. Na segunda, os grandes effeitos, que deixou a mesma morte à nossa consolação, para enxugar as lagrimas. Lá primeiro se secárão as fontes, & depois se abrirão; cá primeiro se abrirão, & depois as secaremos. Deos nosso Senhor, que permittindo a perda, dispoz juntamente a cõsolação della, se sirva de me dar a Graça, & alento necessario para poder ser ouvido em hũa, & outra. *Ave Maria.*

§. II.

8 *Mortua est Maria, & sepulta.* Querendo Ieremias chorar as perdas da sua Patria, pedio à sua cabeça, que désse lagrimas a seus olhos: *Quis dabit capiti meo aquam, & oculis meis fontem lachrymarum.* Ieremias 9. 1. E de que fonte melhor, pergunto eu, de que fonte melhor pódem tomar a corrente as nossas lagrimas, que começando tambem da nossa cabeça? Sò imitando a nossa dor a de Sua Magestade, que muitos annos viva, podemos chorar dignamente tamanha perda. O *Mortua est Maria*, pertence só à Rainha, que está no Ceo: O *Sepulta*, tanto se póde applicar a hũa Magestade, como à outra; porque ambas vio a nossa Corte sepultaremse no mesmo dia. Não ha sepultura mais cerrada, mais triste, & mais escura, que o apozento do Paço, a que ElRey se recolhéo

colhéo com a sua dor, sem permittir nem hum resquicio ao menor rayo do Sol. A Rainha sepultada morta, o Rey sepultado vivo Quãdo Sara passou desta vida, pedio Abraham ao Senhor da terra, em que vivia, lhe quizesse dar hũa sepultura com duas covas, para enterrar a sua defunta: *Vt det mihi* Genes 23.8.9. *speluncam duplicem, ut sepeliam mortuum meum.* Pois se a morta era só hũa, *Mortuum meum*, porque pede Abraham não hũa, senão duas covas, não hũa, senão duas sepulturas: *Speluncam duplicem?* Porque Abraham amava com grande extremo a Sara sua Esposa: & como a vio morta, pedia hũa sepultura para ella, outra para sy? A morta era hũa, & as sepulturas havião de ser duas, porque os sepultados tambem havião de ser dous. Sara sepultada como morta, & Abraham sem Sara tambem sepultado, como vivo, mas sem vida.

9 O mesmo se vio no nosso caso, & com as mesmas causas. Que causas teve Abraham para se querer sepultar? Duas, & ambas grandes. Primeiramente diz o Parafraste Chaldéo, que Abraham se puzera a considerar os rostos de Sara: *Surrexit desuper facies Saræ.* Não diz, que considerava o rosto de Sara, senão os rostos: *Facies.* E que rostos erão estes? O rosto, que dantes fora, & qual tinha sido, & o rosto, que agora era, ou jà não era. Cõparava Abraham na morte, ou no occaso de Sara os resplandores antigos, & os ecclypses presentes, & estava o mesmo rosto tão mudado, & tão outro, que quasi o não conhecia. Este he aquelle rosto, cuja belleza me poz em tanto perigo a vida, que foi necessario o disfarce de irmão, para que ma não tirassem? Este he aquelle rosto tão [illegible] do Rey do Egypto, & do Rey de Geraris, que foi necessario, que o mesmo Deos em Pessoa sahisse à defensa delle? Este he o que he, mas não he este o que foi. Tanto muda, & tanto estraga a morte. Paraphras. Chald.

10 Maior causa ainda.

Sara ao principio chamavase Sarai, que quer dizer, *Domina mea*, Senhora minha: & Deos tiroulhe a ultima letra do nome, com que ficou fómente Sara, que quer dizer, *Domina*, Senhora. Isto foi o que dantes tinha feito Deos, como em profecia: & isto he o que agora se cumprio, & executou a morte. A Sara deixoulhe o nome de Senhora, a Abraham tiroulhe o de minha: & na consideração de minha, & não minha: na differença de sua, que fora, & de não sua, como jà não era; aqui se apurou a dor, aqui não coube o coração dentro em sy mesmo, daqui sahirão, & rebentárão os extremos.

11 Os extremos de Abraham forão os mesmos, que se virão, & ainda se admirárão em Sua Magestade. Diz o Texto Sagrado: *Venit Abraham, ut plangeret, & fleret eam.* O *plangeret* he prantear, & significa vozes: O *fleret* he chorar, & significa lagrimas. E posto que estas duas demonstraçoens de dor as aprova, & califica a Sagrada Escritura em hum tão grande homem, & de tão celebrado valor, como Abraham; quer com tudo o Ceremonial dos Politicos modernos, que na primeira demostração se offenda o decôro Real, & que só sejam permittidas aos Reys as lagrimas surdas, sem que de nenhum modo se lhes ouça a voz. O maior credito da dor, & do amor do nosso Rey he, que lhe sejão necessarias apologías. O Rey mais valeroso, que houve no mûdo, & o mais parecido ao nosso, foi David. Não o podemos provar com os Gigantes, porque jà os não ha: provase porèm (como o mesmo David o provou) com o desprezo, & arrojamento às feras mais bravas; ou no corro, ou no bosque. E que fez David na morte de Abner? Não pòde haver melhor Texto. *Levavit Rex David vocem suam, & flevit:* Levantou ElRey David a voz, & chorou. O Rey de maior coração foi David, & o maior coração de Rey foi o seu, porque foi semelhante

Genes. 23. 2.

2. Reg. 3. 32.

ao

ao coração de Deos: *Inveni virum secundùm cor meum.* Pois se no Rey de maior coração, & de maior valor forão decentes, & decorosas as lagrimas, não só choradas, mas ouvidas: *Levavit Rex vocem, & flevit.* Se isto fez o maior Rey, sendo a causa tanto menor: que devia fazer o nosso na maior de todas? Quem lhe quizer buscar escuzas à dor, tome as medidas à causa.

Act. 13. 22.

12 Huã sò cousa foi muito para notar nos extremos desta dor, & he a que eu agora notarei. Noto, que durando seis Mezes a doença da Rainha, sempre com o desengano de que era mortal, não bastasse tanto tempo, para que a dor d' ElRey se fosse digerindo pouco a pouco, como costuma, antes no fim estivesse tão crua, & tão viva, que rompesse em tão notaveis extremos. A primeira morte que houve no mundo, que foi a de Abel, chamou sentenciosamente S. Basilio de Seleucia *indigestam mortem*, morte indigesta. E porque foi indigesta a morte de Abel? Porque no mesmo dia o virão seus Pays, saõ, & morto. E nos taes casos não he muito, que a dor subita, & não prevenida cause extraordinarios effeitos. Porèm quando o tempo, que he a Hema de todas as dores, a não digere, não póde haver maior, nem mais provado argumento, tanto da grandeza da dor, como da grandeza do coração, que a não digerio. Grande dor em grande coração não a digere o tempo.

Basil. Seleuc.

13 Quando o golpe da lança abrio o coraçam de Christo, primeiro sahio delle o sangue, & depois a agua: *Exivit sanguis, & aqua.* Esta agua està definido de Fè, que não foi algum outro humor da mesma cor, senão verdadeira agua elementar, como a que chove das nuvens, & corre das fontes. Mas donde lhe veyo ao coração de Christo esta agua, quando entrou là, ou que agua foi esta? Os que mais exquisitamẽte alegorizão o misterio, dizem, que foi a agua do diluvio. Porque sentio tanto Deos aquella

Ioann. 19. 34.

Bartholom. Escob. de testam. & codicillo Christi.

aquella perda do genero humano, como se a mesma agua, que alagava o mundo, & afogava os homens, lhe penetrasse o coração. Assim o diz expressamente o Texto Sagrado, fallando do mesmo diluvio: *Tactus dolore cordis intrinsecus*: que foi tal então a dor de Deos, que não só lhe chegou ao coração, mas ao mais interior, ao mais intimo, & ao mais intrinseco delle: *Dolore cordis intrinsecus.* E esta he a razão (correspondendo admiravelmẽte hum Texto a outro) esta he a razão, porque o sangue sahio primeiro, & a agua depois. O sangue primeiro, porque estava na parte superior do coração, a agua depois, porque estava no fundo, & na parte mais intrinseca: *Intrinsecus.* Mas se entre a perdição do mundo, que foi no diluvio, & a reparação do mesmo mundo, que foi na Cruz, passáraõ tantos annos, & tantos seculos, a agua, que causou a dor, & a dor, que nella se representava, como estava tão fresca, & tão viva, como estava tão inteira, & em seu ser, sem se alterar hum ponto, nem se digerir? Porque era grande dor em grande coração. Era dor de Deos em coração de Deos: & dor grande em coração grãde, nenhum tempo a digere.

Genes. 6. 6.

14. Assim se não digerio no grande coração do nosso grande Monarcha a sua grande dor: antes esteve tão fóra de se digerir, ou diminuir com o tempo, que tendo andado taõ fino em todo o tempo da doença, na morte foi muito maior a sua fineza. Ainda estamos no Calvario. Mostráraõ grande sentimẽto na morte de Christo o Sol, & tambem as pedras: mas qual, ou quaes com maior fineza, as pedras ou o Sol? Naõ ha duvida, que as pedras. Porque o Sol começou a se ecclypsar, quando pregáraõ a Christo na Cruz, & no ponto em que espirou, cessou o ecclypse: porèm as pedras quando o Senhor espirou, entaõ he que se quebráraõ. Pois esta foi maior fineza? Sim. Porque o Sol mostrou a sua dor, em quanto Christo padecia; as pedras quando

quando já não podia padecer. E muito maior fineza he, padecer com o impassivel, que padecer com quem padece. No primeiro caso repartiase a dor entre Christo, & o Sol: no segundo não se repartia: toda era inteiramente das pedras, & toda sómente sua. Tal foi a segunda dôr de Sua Magestade, a qual aonde havia de acabar, alli se dobrou. Padecia com quem já não podia padecer; & quando parece, que havia de ser meeyrô na impassibilidade da sua morte, o amor o fez herdeiro universal das penas, que acabáraõ com a vida, padecendo as herdadas, & mais as suas. Grande he aquelle sentimento, que só póde achar semelhanças no insensivel. A dor das pedras toda foi sua: a d'ElRey toda sua; & toda como sua. Como propria do seu coraçaõ, como propria do seu juizo, como propria do seu amor, como propria da sua mesma Pessoa; & de quem Sua Magestade he. No sentimento semelhante ao Sol, portouse ElRey como Rey: na fineza semelhante ás pedras, portouse ElRey & mo Pedro: *Et petræ scissæ sunt.* Matth. 27.51.

§. III.

15 Temos posto diante dos olhos á nossa dor o exemplar soberano, que devemos imitar: nelle sem igual, a causa; em quanto Esposa em nós tambem sem igual, em quanto Rainha. É certo, que para assumpto taõ alto, tomára eu estar melhor instruido de noticias particulares, como quem se acha taõ longe. Mas valerme hei do testimunho de quem só as podia ter mais certas, mais interiores, & de mais perto. Muitas vezes ouvi ao Confessor da Rainha Nossa Senhora estas palavras formaes, bem sabidas, & repetidas em toda a Corte. Naõ sabe Portugal qual he a Rainha, que Deos lhe deú: deulhe huã Rainha santissima, deulhe huã Rainha prudentissima. O Trono dos Reys tem o seu assento entre Deos, & os homens: assima dos homens, de quem saõ superiores,

res, & abaixo de Deos, de quem sõ subditos. Para ser visto, & agradar a Deos, o que mais lhe importa, he a santidade: para reger, & governar os homens, o que mais hão mister, he a prudencia. E estas duas prerogativas taõ singulares, huã natural, outra sobrenatural, não só estavão juntas naquelle capacissimo espirito, mas sublimadas huã, & outra a tal eminencia de perfeiçaõ, que as naõ sabia declarar, quem só as podia conhecer, com menor encarecimento, que o do grão superlativo; Santissima, Prudentissima.

16 Começando pela santidade, o lugar mais santo, & mais sagrado do Templo de Salamaõ, era o chamado *Sancta sanctorum*. Alli estava a Arca do Testamento, alli as Taboas da Ley, alli a Vara de Moyses, alli a Vrna do Manà, alli sobre azas de Cherubins o Propiciatorio, em que Deos assistia, & fallava: tudo santo, tudo angelico, tudo divino. E estas cousas taõ misteriosas, & taõ sagradas via-as o Povo? Nem o Povo, nem os mesmos Ministros do Templo as podiaõ ver, porque o *Sancta sanctorum* estava coberto, & cerrado com hum véo espesso, dentro do qual só podia entrar o Summo Sacerdote. No dia porèm, em que morréo o Senhor do mesmo Templo: *Velũ Templi sciſsum eſt in duas partes à ſummo uſque deorſum*: rasgouse o véo do Templo de alto abaixo em duas partes: & todas aquellas cousas taõ santas, & taõ secretas, que ninguem via, entaõ ficaraõ patentes, & manifestas a todos. Tal foi, ou tal succedéo à santidade da nossa Rainha. Como o primeiro attributo da virtude he encobrirse, & occultarse, na vida foraõ menos conhecidas as perfeiçoens da sua santidade, porque só o Sacerdote entrava no *Sancta ſanctorum*; só o Confessor penetrava os segredos, & sabia os interiores della. Porèm tanto que a morte rompéo o véo, & se vio o que naõ se via, todos a conhecéraõ, todos a acclamáraõ, todos a canonizàraõ,

Matth. 27.51.

por

por Santa.

17. Padecem as virtudes debaixo dos apparatos, & resplandores da Magestade, o mesmo que as Estrellas debaixo dos rayos do Sol. De dia estaõ encubertas, & naõ se vem; mas tanto que o Sol se metéo no occaso, entaõ se vé, & se observa com admiraçaõ, & sem numero, o que dantes naõ se via, nem se contava. Estes saõ os effeitos da morte. Là disse o Poeta, que a morte mostrava: *Mors sola fatetur, quantula sint hominum corpuscula.* O que cobre a terra, mostra quam piquenos saõ os corpos; o que descobre o Ceo, quam grandes saõ as Almas. Assim o mostrou, o prodigioso testamẽto de Sua Magestade, de que cà nos chegáraõ os eccos, em que tantas saõ as virtudes, que resplandecem, quantas as clausulas, que se lem. Escrevéo alli a morte o que tinha historiado a vida; & o que recopilou o testamento no fim, foi o indice de todas as suas obras. Os testamentos, que saõ as ultimas vontades dos que morrem, ordinariamente saõ pios; mas nem por isso arguem grande virtude; porque saõ voluntarios por força. Nos que vivéraõ mal, & querem mórrer bem, saõ retractaçoẽs da vida; nos que sempre vivéraõ bem, saõ retratos della. Os testamentos dos ricos mostraõ os thesouros, que acquiráraõ; os dos Justos as virtudes, que exercitáraõ. Tal foi o testamento de Sua Magestade cheio de religiaõ, cheio de piedade, cheio de misericordia: o qual será eterno na memoria dos vindouros, como nas lagrimas de todos os que tal Procuradora perdéraõ. Choráraõ os pobres, choráraõ as viuvas, choráraõ os orfaõs, choráraõ os miseraveis, & necessitados de todo o genero, & atè os Templos, & os Altares enriquecidos podèraõ chorar, se estas lamentaçoens para elles naõ forão Alleluyas. Tudo isto exercitava em seus dias a Santa, & piedosa Rainha secretamente, sem saber a mão esquerda o que fazia a direita, sendo o seu quarto de Palacio em Lis-

Iuvenal. sat. 10.

boa, a primeira Casa da Misericordia, & a que tem este nome, a segunda.

18 Desta maneira foi santa para com Deos, & para com o Proximo, aquella grande, & heroica Alma. Mas o que eu sobre tudo admiro, he quam superiormente foi santa em sy, & para comsigo. Hum dos maiores casos, que tem visto o mundo em muitas idades, foi na nossa o successo de Saboya. Mas ainda foi maior, & mais digna de admiraçaõ, & assombro a cõstancia, & igualdade de animo, com que Sua Magestade se portou nelle depois de tantos empenhos. Falla David, naõ menos que de Deos, & diz, que a sua magnificencia, & a sua virtude se ostenta nas nuvens: *Magnificentia ejus, & virtus ejus in nubibus.* Psalm. 67.35. Pois nas nuvens a sua magnificencia, & a sua virtude? Nas nuvens, & naõ no Ceo, & na terra? Nas nuvens, & naõ no mesmo, & nos outros elementos povoados de tanta multidaõ, & variedade de creaturas? Nas nuvens, & naõ nos homens, nem nos Anjos? Sim. Porque todas as outras cousas fellas Deos, para que durem, & permaneçaõ, as nuvens fellas por meyo do Sol, para que se desfaçaõ em hum momento. Levanta o Sol os vapores da terra, condensaos em nuvens, & que he o que vemos? Tudo o que a imaginaçaõ de cada hum póde fingir, & ainda mais. Castellos, torres, cavalleiros, gigantes, navios, armadas, arcos de desmedida grandeza, & tudo isto naõ sò relevado, mas dourado; porque o mesmo Sol com seus rayos de orizonte a orizonte tudo cobre, & veste de ouro. Mas assim como estas protentosas, & fermosissimas machinas em hum momento se desvanecem, & resolvem em nada, assim se desvanecéraõ, & desfizeraõ todos aquelles apparatos, & prevençoẽs taõ extraordinarias, & taõ custosas, com que se haviaõ de celebrar as esperadas vodas. No caso de Faetonte, diz Ovidio, que as areas do Tejo se derretéraõ, & que o Rio em vez de levar aguas ao mar, leva-

levava correntes de ouro: *Quodque fuo Tagus amne vehit, fluit ignibus aurum.* Isto, que antiguamente foi fabula, viraõ os olhos em nossos dias. Sahio do Tejo a Armada querenada de ouro, matizando com assombro o azul de ambos os mares. Sahio do Tejo carregada de diamantes, & perolas, como se sahira do Indo, & Ganges; mas com o mesmo vento, que a levou taõ cheia, & a trouxe taõ vazia, tudo se desfez em vento. Neste vento porèm, & neste nada, em que se desfez tudo, assim como tinha ostentado os extremos da sua magnificencia, assim descubrio os quilates da sua virtude, aquelle soberano Espirito taõ excelso no divino, como no humano. Na grandeza de animo, com que fez tudo, mostrou a sua magnificencia como Rainha: na igualdade de animo, com que vio tudo desfeito, mostrou a sua virtude como Santa: *Magnificentia ejus, & virtus ejus in nubibus.*

Ovid. Met. lib. 2.

19 Mas se a virtude de Sua Magestade se calificou de Santa no que aquelle successo desfez por fóra, muito mais a canonizou no que desfez por dentro. Por fóra desbaratou as suas prevençoens; por dentro os seus pensamentos. O mais santo homem, que houve na sua idade, foi Iob, & vendo em hum momento perdido, & desbaratado quanto tinha, nenhum abalo fizeraõ em seu animo todas aquellas perdas. Tudo sofréo, não só com paciencia, & constancia, mas com acçaõ de graças a Deos: *Dominus dedit, Dominus abstulit. Sit nomen Domini benedictum.* E houve alguã cousa, em que Iob se conformasse menos com a vontade divina, & que mais lhe doesse, & ferisse o coração? Huã só, & admiravel. *Cogitationes meæ dissipatæ sunt, torquentes cor meum.* O que me affligе, o que me atormenta, o que me quebra, & rompe o coraçaõ, he ver dissipados meus pensamentos, & quanto tinha fabricado, & pintado nelles. Assim o declara elegantissimamente o Chaldéo, verten-

Iob. 1. 21.

Iob. 17. 11.

Chald. apud Pined. ibi.

do em lugar de *cogitationes meæ, tabulæ meæ:* as minhas pinturas, as minhas idéas, as minhas fabricas, os meus dezenhos. Quaes foſſem os penſamentos de Sua Mageſtade ſobre hum negocio taõ grande, concluido tanto a ſeu prazer, & contentamento, mais ſe pòde conſiderar, que exprimir! Tinha empenhado o dezejo, tinha empenhado o amor, tinha empenhado o ſangue: na alliança dos parenteſcos, na uniaõ dos eſtados, na preſença, & communicação das Peſſoas, na Coroação de huã Caſa Real, & ſucceſſaõ de ambas. Sobre tudo nas conſequencias, & eſperanças taõ bem fundadas de grandes felicidades, & no goſto, & goſtos de as ver, & lograr longamente. E que deſarmando emvaõ todas eſtas fabricas, & apagandoſe, ou tingindoſe de negro todas eſtas pinturas de ſeus penſamentos, as fabricas as recebeſſe cahidas com tanta ſerenidade de animo: as pinturas as viſſe deſpintadas com tanta ſerenidade de olhos: & que os tormentos, & tormentas, que ſe levantáraõ no coraçaõ de Iob, naõ fizeſſem no ſeu o menor movimento: eſta foi a maior, eſta foi a mais fina, eſta foi a mais alta prova da conſtantiſſima, & inexpugnavel virtude daquelle ſoberano eſpirito, mais ſoberano por Santo, que por Real.

20 E ſe buſcarmos as raizes a hum exemplo taõ raro, & taõ heroico, acharemos, que tinha Sua Mageſtade dentro do ſeu meſmo coraçaõ outra officina, onde eſtas meſmas fabricas ſe tornavaõ a fundir, & recebiaõ nova fórma, que era a Oraçam Mental. No meyo do ruido da Corte, & dos concurſos do Paço, recolhiaſe Sua Mageſtade por muitas horas ao ſeu Oratorio, como a hum deſerto; & alli levantando o eſpirito ſobre todas as couſas cà debaixo, ouvia da boca de Deos no ſilencio da contemplaçaõ aquelles altiſſimos deſenganos; & via no eſpelho da Eternidade aquellas clariſſimas luzes, em que o tudo, & o nada ſaõ da meſma cor; em que o tudo, & o na-

& o nada tem a mesma conta; em que o tudo, & o nada têm o mesmo pezo; em que o tudo, & o nada tem as mesmas medidas: & por isso nenhuã mudança, ou variedade das cousas humanas lhe alterava o coraçaõ, tendoo sempre unido com a vontade divina. E como nesta uniam da vontade humana com a divina consiste a summa Santidade, & a Santidade summa; aqui se fundava o subidissimo conceito, que da perfeiçam de Sua Magestade tinha seu Confessor, venerandoa, nam só como Rainha Santa, mas em grao superlativo, como Santissima.

§. IV.

21 O outro elogio de Prudentissima nam necessita de prova, nem ponderaçam; porque foi bem conhecido, & admirado de todos. Mas como pode a Rainha nossa Senhora chegar a tam subido grao de prudencia no curso de taõ poucos annos? A prudencia he filha do tẽpo, & da razam: da razam pelo discurso, do tempo pela experiencia. Na nossa Rainha foi filha da razam sómente. Filha de mãy sem pay, como a Sabiduria Divina quando se fez humana. Mas como podia isto ser?

22 Eu acho, que teve a Rainha nossa Senhora duas escolas, em que estudou a Prudencia atè se graduar de Prudentissima: huã natural, outra sobrenatural. A primeira escola, sobre seu sutilissimo engenho, foi a companhia, o trato, & a cõmunicaçam d' ElRey, que Deos guarde. O Proverbio antigo dizia, *Nube pari.* E nam houve par taõ semelhante (sendo de França, & Portugal) como este, que ajuntou a vida, & dividio a morte. Na agudeza do entendimẽto, na presteza do discurso, na madureza do juizo, na comprehensaõ dos negocios, no acerto das resoluçoens, na eleiçaõ dos meyos, & fins, & em todas as partes da perfeita, & consumada prudencia, nãõ pareciaõ ElRey, & a Rainha duas Almas, senam huã só. Mais tinhão.

nhaõ. Sendo duas, como verdadeiramente eram, sem recorrer à transmigraçam de Pitagoras, parece que tal vez trocavam os sugeitos, & por communicaçaõ reciproca se infundiaõ huma na outra. Aquella discriçaõ, aquella elegância, aquelle agrado, & aquelle feitiço de palavras, com que todos se levantavaõ dos Reaes pés de Sua Magestade, naõ só consolados, mas cativos, parecia em ElRey participado da Alma da Rainha. Pelo contrario aquelle valor, aquella resolucaõ, aquelles espiritos varonis, & generosos para emprender grandes acçoens, & levár ao cabo quanto emprendia, parecião na Rainha participados, & infundidos da Alma d' ElRey. E sendo tal em huma, & outra Magestade a semelhança dos genios, & a cómunicaçaõ reciproca de ambas as Almas, ambas grandes, ambas excellentes, ambas de alto, & vivissimo engenho, naturalmente crescêraõ de sorte, & fizeraõ taes progressos no exercicio, & pratica de toda a Prudencia Real, que ElRey sahio Prudentissimo, como he, & a Rainha Prudentissima, como foi.

23 Esta foi a primeira escola. A segunda, & mais alta era a que frequentava David, estudando pelos Mandamẽtos Divinos: *Prudentem me fecisti mandato tuo.* Psalm. 118. 98. Da Prudencia de David em tudo o que obrava, ainda sendo muito moço, estaõ cheias as Escrituras. E diz este grande Rey, que toda a sua Prudencia a aprendeo pelos mandamentos. Mas de que modo? A observancia dos mandamentos he muito boa para naõ offender a Deos, para alcançar sua Graça, & para irmos Ceõ: mas para ser prudente nas cousas desta vida? Sim. E dà a razaõ o mesmo David à priori, & formalissima. Porq̃ eu (diz elle) estudando pelos mandamentos, soube mais que os Doutores, & mais que os velhos. Mais que os Doutores? *Super omnes docentes me intellexi, quia testimonia tua meditatio mea est.* Ibid. 99. 100. mais que os velhos? *Super*

senes

sentes intellexi, quia mandata tua quæsivi. Naõ se podéra declarar, nem provar melhor. A prudencia compõe-se de sciencia, & experiencia: a sciencia está nos Doutores, que a estudão pelos livros: a experiencia está nos velhos, que a aprendem pelos annos. E porque eu (diz David) sem annos, & sem livros estudando só pelos Mandamẽtos soube mais que os Doutores, & mais que os velhos, esta foi a arte com que me fiz ou Deos me fez prudente: *Prudentem me fecisti mandato tuo.* Assim, & nada menos a nossa Prudentissima Rainha: como toda a sua applicação, todo o seu estudo, & todo o seu cuidado, se empregava na observancia perfeitissima da Ley Divina, esta foi a segunda, & melhor escola, em que sem annos, & sem livros (sem annos, porque tinha tão poucos; & sem livros, porque só lia os Espirituaes, & não os Politicos) pode chegar a tão subido grão de Prudencia; por isso Santa, & por isso tambem Prudentissima.

24. Hũa só mulher lemos em toda a Escritura, laureada com o titulo de Prudentissima, que foi Abigail: *Erat que mulier prudentissima.* 1 Reg. 25. 3. E com que prova a Escritura esta singular prudencia de Abigail? Parece que a prova foi feita mais para a Prudencia da nossa Rainha, que para a sua. Prova a Escritura ser Abigail Prudentissima, só com dizer que David (cuja mulher foi) fazia tanto caso de seus conselhos, que em certa occasião, em que estava mui empenhado, só porque Abigail lhe aconselhou o contrario, & lhe metéo a materia em escrupolo: *Non erit tibi hoc in singultum, & in scrupulum cordis:* David cedéra do seu intento, & de todos os que o seguião, & seguíra o conselho de Abigail. E mulher, de cujo conselho fazia tanto caso hum Rey tão prudente como David, que o antepunha ao parecer seu, & de todos os seus, achou a mesma Escritura Divina, que não erão necessarios outros exemplos, nem outros documentos para prova de Ibid. 31.

ser Prudentissima: *Eratque mulier illa prudentissima.*

25 Quanto ElRey nosso Senhor estimasse os conselhos da Rainha, que está no Ceo, & os antepuzesse a todos, todos o sabemos. E certo, que não sei qual he maior argumento de prudencia neste caso: se da prudencia do Rey, que tanto estimava os conselhos da Rainha, se da prudencia da Rainha, que tão prudentes conselhos dava a ElRey. Mas deixando indeciso este grande problema; como não havia Sua Magestade de antepôr a todos os outros conselhos o cõselho de quem primeiro se aconselhava com Deos, examinando tão escrupulosamente diante delle o que havia de aconselhar? O imprudente aconselhase comsigo, o prudente aconselhase com os homens, o prudentissimo aconselhase com Deos. Assim o fazia a Prudentissima Rainha: só boa conselheira, porque só bem aconselhada. Adam perdeusse, porque se aconselhou cõ sua mulher aconselhada pela Serpente. E ElRey esteve sempre seguro de semelhante perigo, porque se aconselhava com a sua aconselhada por Deos. Por isso em todas as materias grandes tomava as ultimas resoluçoens com o seu conselho. Os dos outros Conselheiros nestes casos erão para as consultas, o da Rainha para os decretos.

26 Diz São Paulo, que Deos não tem conselheiro: *Quis enim consiliarius ejus fuit?* He dito notavel, porque consta da Escritura, que Deos chamou muitas vezes a conselho os Anjos. Pois se Deos admittia os Anjos aos seus conselhos, como diz S. Paulo, que Deos não tem conselheiro? Porque falla o Apostolo dos conselhos de Deos, em que ultimamente se decreta o que ha de ser. E os conselhos de Deos, em que se tomão as ultimas resoluçoens, só se fazem entre as Pessoas Divinas. Assim se compunha das Pessoas soberanas sómente o supremo, & secreto conselho dos nossos Principes, em que as ultimas deliberaçoens se assentavão: *Rom. 11. 34.*

vão: ambos conferindo, a Rainha aconselhando, El-Rey resolvendo. Nenhum Rey de Portugal teve tal Conselheiro da Puridade.

27 He famosa questão entre os Politicos, se os Reys devem ter valido, ou não? E ambas as partes se defendem com fortissimos argumentos. Sò Sua Magestade, que Deos guarde, com seu singular juizo soube compôr, & conciliar esta controversia. Seguio a parte negativa, porque não teve valido, & seguio juntamente a affirmativa, porque teve valida. Os validos chamão-se Primeiros Ministros; & porque são Ministros, não devem ser validos. A Rainha sim; porque he a primeira, & não he Ministro. O Ministro aconselha como inferior, a Rainha como igual: o Ministro como quem serve, a Rainha como quem ama: o Ministro como quem depende, a Rainha sem dependencia: o Ministro como quem pòde ter interesses particulares, a Rainha como quem tem hum só interesse commum, que he o do Rey, & o do Reyno. Que havia de ser do Reyno, & Povo todo de Israel, & da mesma Monarchia dos Persas, & Medos, se depois de firmados os decretos d' El Rey Assuero, não acudisse a Rainha Esther? Mas porque acudio tão cõfiada, & oppurtunamente; Aman, que era o traidor, foi crucificado, Mardochéo, que era o leal, foi exaltado, & o Povo, que estava innocente, ficou livre. Que seria outra vez do mesmo Povo, quando Adonias por força de armas quiz invadir a Coroa, que ainda era dos doze Tribus, se a Rainha Bersabè na mesma hora da conjuração não atalhára aquella ruina? Mas foi tal a sua prudencia, & industria, que excluido sem golpe de espada Adonias, foi coroado Salamão, o mais sabio de todos os Reys, & de mais felice governo. Tal vez póde faltar ao Rey o calor, como a David nos ultimos annos: & tal vez pòde tambem sobejar, como ao mesmo David na vingança intentada de

Nabal Carmello; se falta o calor, fomenta-o a Rainha Abizag; se sobeja, modera-o a Rainha Abigail. E de que lhe prestou tambẽ a Rainha Michol? Ella foi a que por arte lhe salvou a vida das mãos de seu pay Saul: & quando ao Rey lhe não podia valer seu grande valor, lhe valeo a prudencia da Rainha. Finalmente, a Prudencia pintase com hum espelho na mão: & que espelho mais puro, mais claro, & mais fiel, que aquelle, em que o mesmo Rey parece dous, & he hum: *Erunt duo in carne una?* *Genes. 2.24.*

28. Como espelhos dos Reys, & das Rainhas, poz Deos no Ceo hum Rey, que he o Sol, & huã Rainha, que he a Lua. Assim o dizem todas as letras sagradas, & profanas. E a que fim? Para que os Reys na terra imitem aquelles exemplares do Ceo. E quando a Rainha he tam prudente, como a nossa, quer Deos, que nas materias grandes, & de importancia, nenhũa cousa resolva, ou faça o Rey [como não resolvia, nem fazia o nosso] sem consenso, & approvação da Rainha. Declarenos esta política celestial, quem melhor que todos a entendeo. Para Iosuè proseguir a victoria contra os Gabaonitas, não só pedio ao Sol que parasse, senão tambem à Lua: *Sol contra Gabaon ne movearis, & Luna cõtra vallem Aialon.* Mas se a Iosué para estender o dia lhe era só necessaria a luz do Sol, para que faz a mesma petição, & requerimento à Lua? Porque entendeo o grande Capitão dos exercitos de Deos, que hũa acção tão grande, & tão nova como aquella, não a fazia o Rey dos Planetas, sem consenso, & approvação da Rainha. Ao Sol pedio a luz para que lha désse, à Lua para que o approvasse, & não impedisse. E isto que só parece moralidade, he fundada em razão muito verdadeira, & solida. Porque se a Lua tambem não parasse, confundirse-hia totalmente a harmonia dos Orbes celestes, & a ordem, & governo do Universo pereceria. Tanto importa *Iosuè 10. 12.*

para

para o bem universal o consenso, & união dos dous supremos Planetas: & tanto entendéo Iosuè, que lhe não bastava ter só ao Sol, se lhe faltasse a Lua.

29 Quem quizer (para que cóclua mos este Discurso) quem quizer avaliar, & pezar bem a perda de Portugal na falta da sua tão prudente, & tão Santa Rainha; considere o que seria do mũdo, se a Lua lhe faltasse: *Luminare maius, ut præesset diei, luminare minus, ut præesset nocti.* O Sol fello Deos para o dia, a Lua para a noite: & se faltando a Lua, a noite fosse totalmente escura, triste, & medonha, como se havia de viver esta ametade da vida? A Lua he o lume das trevas, a Lua o alivio das tristezas, a Lua o refugio dos temores, a Lua a consolação, & remedio de tudo o que o Sol divertido a outro emisferio não pòde remediar, nem suprir. Oh quantos trabalhos grandes, não só universaes, mas particulares, não só publicos, mas secretos tiverão alivio, consolação, & remedio por meyo da luz, & benignas influencias daquelle segundo Planeta ecclypsado, que jà nos nam ha de alumiar: *Et Luna non dabit lumen suum!* O mesmo Deos, que fez o dia, & a noite, ao tribunal de sua justiça acrescentou o da sua misericordia, para que as causas dos miseraveis, & affligidos tivessem appellação, & recurso. Assim o tiverão sempre [mas jà o não pòdem ter] assim o tiverão sẽpre todos, na misericordia, na piedade, na clemencia, & na industria tão efficaz, & tão viva, de quem alli està morta.

Genes. 1. 16.

Matth. 24. 29.

30 Vejão agora, se tem bastantes causas de sentir, & chorar, os que tal Rainha, ou tal Mãy perdérão. Là dizia Escritura, que em Debora deu Deos hũa mãy ao seu Povo: *Donec surgeret Debora, surgeret mater in Israel.* Os Reys de Portugal por confissão do mundo, não só são Reys, senão Pays dos seus vassallos. E posto que a Providencia, & Bondade Divina nos deixou hum tão bom Pay, que por muitos an-

Iudic. 5. 7.

nos nos conserve: quem haverà, que não chore a falta de tão prúdente, & piedosa Máy, digna por tudo de eterna memoria, de eternas saudades, & de eternas lagrimas? Chore pois Portugal, chore o Brasil, chore em ambos os mundos toda a Monarchía. E quem haverà de nós, se tem uso de razão, que não chore olhando para aquella sepultura? vendo cortada em flor aquella vida, que puderamos lograr muitos annos: vendo debaixo da terra aquella poderosa intercessora, que nos alcãçava os favores do Ceo: vendo aquelle Augustissimo Nome, que traziamos gravado nos coraçoens, escrito em epitafios: vendo emfim a Serenissima Maria de Portugal morta alli, & sepultada: *Mortua est ibi Maria, & sepulta.*

§. V.

31 Temos visto na morte de Sua Magestade as grãdes causas, que tem a nossa dor de chorar, posto que não ponderadas com aquella efficacia de razoens, nem com aquella energia de affectos, nem com a profundidade de sentimentos, que merecia tamanha perda. Segue-se neste segundo Discurso, ou nesta segunda parte delle, ver os effeitos tambem grandes, que deixou a mesma morte à nossa consolação para enxugar as lagrimas. Agora quizera Eu, que em todo este theatro se voltàra a scena: que os lutos trocassem as cores, que as caveiras se revestissem de vida, que os ciprestes se reproduzissem em palmas, que os epitafios se convertessem em panegyricos, & que as luzes funestas dessa piramide se mudassem em luminarias de acção de graças; porque os que àtè qui forão estragos, & despojos, agora serão trofeos, & triumfos, não de outro, senão da mesma morte. Corramos a cortina aos secretos da Providencia Divina, descubra-se o que estava encuberto, & vejamos no que vimos o que não viamos.

32 Desde o dia em que a Rainha nossa Senhora entrou

trou em Portugal, até o dia, em que partio para o Ceo, as cousas de maior vulto, que succedérão em todo aquelle tempo, fórão tres Matrimonios notaveis. Hum matrimonio nullo, hum matrimonio contratado, hum matrimonio consummado. O matrimonio nullo, foi o do Senhor Rey Dom Affonso; q̃ está em gloria; o matrimonio contratado, foi o da Alteza Real de Saboya, que não teve effeito; o matrimonio consummado, foi o d' ElRey nosso Senhor, que muitos annos viva. No primeiro esteve o Reyno enganado, no segundo esteve arriscado, no terceiro esteve desconfiado. E Deos, que tanto ama a Portugal, como desfez este engano, como acodio a este perigo, & como confiou esta desconfiança? Bemdita seja para sempre sua bondade! Assim como os matrimonios foram tres, assim os remediou com tres divorcios. O primeiro divorcio no matrimonio nullo, fello o desengano: o segundo divorcio no matrimonio contratado, fello a enfermidade: o terceiro divorcio no matrimonio consummado, fello a morte. E que bens, ou utilidades para Portugal tirou a Providencia Divina destes tres divorcios? Os tres maiores bens, & as tres maiores utilidades, que podiamos dezejar, & as que mais haviamos mister, & agora se conhecem. O primeiro divorcio deunos hũa Princesa herdeira do Reyno: o segundo divorcio livrounos de Principes estrangeiros: o terceiro divorcio habilitounos para ter Principes naturaes na baronia dos Reys Portuguezes. Vejão agora a nossa dor, & as nossas lagrimas, se tem grandes motivos para se enxugarem.

§. VI.

33 O fruto do primeiro divorcio, que foi a Princesa herdeira do Reyno, & tal Princesa, assim he tambem o primeiro, & mais vivo motivo da nossa consolação. Porque? Porque em Sua Alteza temos outra vez viva a Rainha

nha noſſa Senhora, não como reſuſcitada, mas como não morta. A propoſição parece paradoxa; mas não he menos, q̃ do meſmo Autor da vida, & da morte: *Mortuus eſt pater ejus, & quaſi non eſt mortuus: ſimilem enim reliquit ſibi poſt ſe.* Quer dizer. Morréo o pay, & quaſi não he morto, porque deixou depois de ſy outro ſemelhãte a ſy. De maneira, que quãdo o filho, que ſuccede ao pay, he ſemelhante a elle, entre a vida do pay morto, & a vida do filho vivo, naõ ha differença mais que hum quaſi: *Et quaſi non eſt mortuus.* Se quando a Rainha noſſa Senhora ſe foi para o Ceo, nos não deixára, ou ſe naõ deixára em Sua Alteza, verdadeiramente ſeria morta. Mas como nos deixou, & ſe deixou em hum original tão vivo de ſy meſma, a ſua morte naõ foi morte, ſenam quaſi morte: *Et quaſi non eſt mortua*; porque vive na Filha ſemelhante a ſy, que nos deixou depois de ſy: *Similem enim ſibi reliquit poſt ſe.* Eccleſ. 30.4

34. He taõ certa eſta cõſequencia, que ſe neſta ſegunda vida de Sua Mageſtade podera haver algũa duvida; não eſtava a difficuldade na vida da Mãy, ſenão na ſemelhança da Filha. A exceição parece eſcura, mas a razão he muito clara. Porque o que he unico naõ tem primeiro antes de ſy nem ſegundo depois de ſy. E ſendo a Rainha noſſa Senhora hum ſugeito ſoberano tão ſingular, & unico em tudo, ſegue-ſe, que quem não teve ſemelhante a ſy, não podia deixar ſemelhante depois de ſy: *Similem ſibi poſt ſe.* Aſſim he, ou aſſim havia de ſer, ſe Deos não renovàra em Portugal hũa maravilha, que ſó fez no principio do mundo. No principio do mundo antes de haver Eva, Adam não tinha ſemelhante a ſy: *Non inveniebatur ſimilis ejus.* E que fez Deos, para que Adam, que não tinha ſemelhãte a ſy, tiveſſe ſemelhante? Dividio o meſmo Adam em duas partes, ou em duas peſſoas, & tirandolhe do lado, & de ſuas proprias entranhas a Eva, por eſte modo ma- Geneſ. 2.20.

maravilhoso fez, que o que naõ tinha semelhante a sy, tivesse semelhante a sy: *Faciamus ei similem sibi.* *Ibid.* 18.

35 Daqui se infere em singular excellencia de Eva, que se Adam naõ tinha semelhãte entre todas as creaturas, tambem Eva entre todas ellas naõ tinha semelhante. E assim foi. Naquelle tempo já estavaõ creadas no mundo todas aquellas elegancias da natureza, que naõ só saõ as semelhanças da fermosura, senaõ os encarecimentos della. Nos Prados já havia as rosas, & as açucenas: nas Minas já havia os rubins, & os diamantes: nas conchas já havia as perolas, & os aljofares: no Ceo já havia o Sol, & as Estrellas. Naõ saõ estes os maiores encarecimentos da fermosura? Sim. Pois assim como entre todas estas bellissimas creaturas, nem juntas, nem divididas, se achava semelhante a Adão; assim entre todas ellas se naõ podia achar semelhante a Eva. A conclusaõ he manifesta; porque Eva foi feita para ser semelhante, a quem naõ tinha semelhante: & quem he semelhante a quem naõ tem semelhante, naõ póde ter semelhante. Tal he hoje em Portugal a Filha unica daquella Mãy tambem unica. Taõ unica, & sem semelhante, hũa, & outra, que quando para todas as outras fermosuras sobejavaõ os encarecimentos, só para a sua se naõ achavaõ as semelhanças: *Non invenichatur similis ejus.* Olhe lá de sima a unica Mãy, & naõ achará em toda a terra outra semelhante a sy, senaõ a unica Filha, que deixou depois de sy: & por isso taõ viva nella depois da morte, como se naõ morréra.

36 Querendo Ioseph, que Benjamin ficasse no Egypto, replicáraõ os irmaõs, pedindo, que o deixasse tornar: & allegaraõ para isso, que era filho unico, & que sua mãy naõ tinha outro: *Ipsum solum habet mater sua.* *Gen.* 44. 20. A mãy de Benjamin era Rachel, & Rachel havia muitos annos, que era morta. Pois se era morta, como suppoem os irmaõs, & dizem, que era viva.

Porque ainda que era morta em sy, vivia no mesmo filho, que morrendo deixára depois de sy. Era Rachel mãy, & era morta: como mãy tinha em Benjamin o filho, & como morta conservava em Benjamin a vida. Assim se conserva viva na unica Isabel a unica Maria. Viva na pessoa, viva na gentileza, viva na Magestade, viva no juizo, viva na piedade para com Deos, viva no agrado para com os vassallos, viva emfim em todas as perfeiçoens, & virtudes verdadeiramente Reaes. Havendo pois Deos feito taõ grande merce a Portugal, que nos deu a nossa mesma Rainha em duas vidas; antes temos razaõ de nos alegrar, que de nos entristecer. E se a sua morte naõ foi morte, senaõ quasi morte: *Et quasi non est mortua:* respondaquando muito ao quasi da morte hum quasi da tristeza: *Quasi tristes, semper autem gaudentes.*

2 Cor. 6. 10.

§. VII.

37 O segundo motivo da nossa cõsolaçaõ fundado no segundo divorcio, foi livrarnos Deos por este meyo de Principes estrangeiros. Hum Principe estrangeiro, de taõ soberanas prendas como o desposado, bem podéra ser nosso Rey; mas vai grande differença, de ser nosso Rey, ou ser Rey nosso. Aquelle Povo, a quem Deos chamava seu, & amava sobre todos, deulhe por Ley, que naõ pudesse fazer Rey, homem que naõ fosse da sua naçaõ: *Non poteris alterius gentis hominem Regem facère, qui non sit frater tuus.* E naõ so poz Deos esta Ley ao Povo, senaõ tambem a sy mesmo: prometendolhe, que naõ elegeria Rey de outra naçaõ, senaõ da sua: *Quem Dominus Deus tuus elegerit de numero fratrum tuorum.* Assim o fez na eleiçam de Saul, de David, de Jehù, & de todos os que mandou ungir por Reys. He verdade, que tal vez o Principe estranho póde ser dotado de melhores partes, & de maiores virtudes, que o proprio: mas ainda no tal caso antes querem os homens o proprio menos bom,

bom, que o estranho melhor. Ouvi o maior exemplo, ou o maior encarecimento, que nem imaginar se podia nesta materia.

38 Antes de o Povo de Israel ter Reys, Deos era o Rey que os governava: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus, qui mandas salutes Iacob.* E neste mesmo tempo, q̃ resolvérão entre sy aquelles homens? Duas cousas, não só notaveis, mas estupendas. A primeira, que não queriaõ a Deos por Rey: *Non te abjecerunt, sed me, ne regnem super eos.* A segunda, que pediraõ Rey, homem da sua naçaõ, como tinhaõ as demais: *Constitue nobis Regem, sicut universæ habent nationes.* Pois hum Povo, que tem a Deos por Rey, antes quer hum Rey homem, que hum Rey Deos? Com tanto que fosse da sua naçaõ, sim: que tal he o impeto natural do dezejo humano. Antes quizeraõ hum Rey homem, com tanto que fosse da sua naçaõ, que hum Rey, que naõ era da sua naçaõ, ainda que fosse Deos. E que fez Deos neste caso? Maior maravilha! Naõ me querẽ por Rey sendo Deos? Pois eu me farei homem da sua mesma naçaõ: & como eu for Rey da sua mesma naçaõ: *Natus Rex Iudæorum:* todos os que entaõ me conhecerem, daráõ o sangue, & a vida por mim: & quando no fim me conhecerem os demais, faráõ o mesmo. Assim foi, & assim ha de ser. Finalmente, sinalando Deos ao mesmo Povo o tempo em que se havia de acabar o seu Reyno, o final que lhe deu, foi que entaõ se acabaría, quando o Scetro de Israel passasse às mãos de Principe estrangeiro.

Psalm. 43.5.

39 Pois se isto he assim, & provado com tantos documentos humanos & divinos, como se resolvéo Portugal a admitir Principe estrangeiro? He certo, que a resoluçaõ foi tomada com grande juizo, & prudentissimo conselho; porque naõ foi voluntaria, senaõ forçosa. Naõ elegemos a fugeiçaõ de Principe estrangeiro como melhor, nem como bem, senaõ

como mal necessario. O bē, & o melhor, era ter Principe herdeiro varaõ. Esses foraõ sempre os dezejos, & ancias da mesma Rainha, & a esse fim se ordenavaõ tantas oraçoens, tantos sacrificios, & tantas esmolas, tantas romarias, tantas novenas, & tantos votos seus, & de todo o Reyno. Mas como Deos nos naõ ouvisse, & a desesperaçaõ de filho se confirmasse, foi força acodir ao remedio da successaõ Real, naõ como queriamos, senaõ como era possivel muito ao nosso pesar.

40 Nem encontraõ a verdade deste pesar, as demonstraçoens de alegria taõ extraordinarias, que vimos; porque se por fóra eraõ alegres, por dentro eraõ tristes, & lastimosas. Naõ havia coraçaõ verdadeiramente Portuguez, que no secreto nam choresse, & no publico nam engulisse as lagrimas, lamentando todos com Ieremias: *Hæreditas nostra versa est ad alienos, domus nostra ad extraneos.* Aquellas festas, aquelles repiques, aquellas luminarias; aquellas procissoens, com que Portugal solemnizou os desposorios: aquellas gallas, aquelles theatros, aquellas fabricas triumfaes, que estavaõ prevenidas para o recebimento, que cuidais, os de perto, & os de longe, que eraõ? Considerada a soberana grandeza de hum, & outro desposado, apenas igualavaõ a dignidade das vodas: & para os extremos de amor, com que Portugal, estima, venera, & quasi idolátra a sua Princesa, ainda lhe pareciaõ muito menos. Considerado porém isto mesmo como repáro da Coroa na substituiçam de Principe estrangeiro, tudo era o contrario do que parecia. As galas eraõ lutos, as fabricas eraõ ruinas, os theatros eraõ tumulos, os repiques eraõ sinaes, as procissoens, & as luminarias, eram enterros; porque o tronco, & baronia dos Reys Portuguezes continuada por tantos seculos, alli se sepultava para sempre.

Thren. 5.2.

41 Mas em quanto os conselhos da terra se accommodavaõ a este mal necessario;

rio; nos conselhos do [illegible] se estava decretando, que naõ fosse neo[illegible]ario, nem fosse mal, senao o bem, & maior bem do Reyno. Como os annos da Rainha prometiaõ larga vida, & Deos tinha decretado de a cortar no meyo delles: a supposiçaõ da sua vida por hũa parte, & a previsaõ da sua morte por outra, eraõ as duas causas encontradas, porque os conselhos do Ceo se naõ conformavaõ com os da terra. Os da terra insistiaõ em effeituar o casamento, os do Ceo, só tratavaõ de o estorvar, & desfazer. E que seria de nós, se se naõ desfizera [illegible] ria de nós, to[illegible] se naõ desfizera? Consideremos o que seria de Portugal no estado presente com hum Princepe e[illegible] jurado, & hum Re[illegible]ral coroado, ambos na mesma Corte. Irmaõs eraõ Iacob, & Esau, & naõ couberaõ no ventre da mesma mãy: Irmaõs eraõ Romulo, & Remo, & naõ couberaõ na mesma Cidade: Irmaõs eram Cain, & Abel, & naõ couberaõ em todo o mundo: & como haviaõ de caber em Lisboa, & se haviaõ de conservar em paz hum Princepe estrangeiro genro, & hum Rey natural sogro, que saõ os parentescos mais perigosos, & em que menos se conserva a uniaõ.

42 Deixo os exemplos da Escritura, porque saõ em sugeitos de inferior Ierarchia; mas vejase Lisboa em Roma como em espelho, & no successo, & parentesco de Cesar com Pompéo reconheça o seu perigo. Pompéo Magno era genro de Iulio Cesar, & Cesar sogro de Pompéo: & quaes foram as dissençoens destas du[illegible] des cabeças, & por [illegible] sas? Lucano o disse [illegible] derou excellentem[illegible] *quemquam jam fer[illegible] test Cæsarve priorem, Pompeusve parem.* Cesar, que affe[illegible]va o Imperio, nam podia sofrer verse menor que Pompéo: *Cæsarve priorem.* Pompéo, que o sustentava, nam podia sofrer, que Cesar lhe fosse igual: *Pompeusve parem.* E desta mal sofrida desigual-

Lucan. lib. 1.

dade se originárão os desgostos, dos desgostos nascérão as discordias, das discordias as parcialidades, das parcialidades a divisaõ de Roma, & da divisaõ as guerras mais que civís: *Bella per Emathios plusquam civilia campos.* Estes saõ os perigos, & os trabalhos, de que D[illegible]s nos livrou por meio do divorcio do matrimonio contratado, dando juntamente justas causas ao mesmo divorcio [illegible] da enfermidade naõ conhecida, nem esperada. E bem se vio, que a enfermidade foi traçada pela Divina Providencia, [illegible] a [illegible] fazer o matrim[illegible] que tanto que est[illegible] [illegible]o, logo o Prince[illegible] teve saude. Para [illegible] as graças, & a g[illegible]s & digamos daquella enfermidade, o que [illegible] disse da de Lazaro; *[illegible]itas hæc non est ad mortem, sed pro gloria Dei, ut glorificetur per eam.*

§. VIII.

43 O terceiro, & ultimo n[illegible] da consolaçaõ de Portugal [illegible] esperança de Principes n[illegible] morthona vida, & resuscitada na morte da Rainha nossa Senhora por meio do terceiro divorcio. No tempo antigo, em que era licita a Poligamia, bem podia o marido ter filhos legitimos vivendo a legitima mulher infecunda. Assim os teve Abraham em Agar, vivendo S[illegible] & assim os teve Iacob em Lia vivendo Rachel. Mas depois que Christo nosso Senhor, como supremo Legislador, revogou esta [illegible], & reduzio [illegible] à uni[illegible] natural, só [illegible] remediar este defeito, suprindo as segundas vodas a infecundidade das primeiras. E este he o [illegible] a desesperaçaõ pa[illegible] deixou à esperança pre[illegible], passandose do talamo Real ao tumulo.

44 Naquella Pedra, que ferida da vara restaurou a esterilidade das fontes, deixamos alegorizado a ElRey Dom Pedro nosso Senhor. E como os golpes foram dous,

men
d'ElRe
segũdo g
te da Rain
succeſſaõ.
A Quanto ao
quem imagin
ca, que á C
ma d'ElRey
tendo tres filhos
vieſſe aſſentar na
ultimo? Mas os P
tos nam ſó os faz a
ſenam tambem a m
geraçaõ faz os Primo
tos, dandolhe o primeiro lu
gar entre os v s a mórte

49 959957

lexta
em M-
ro fa-
Filho ex Do
Prole
n Ioão o IV
todos
Dom Pe-
de... or, depois de
s Irmãos; porque
Prole em hum só
ni hum só fio. Lo-
he o tempo, em que
de olhar, & ver: *Et*
ipsa attenuata ego respi-
ciam, & videbo! E que he
em Deos o olhar, & o ver?
Não

vio, não ſo
lho varão, ſ
Donec ſterilis
mos. De ſorte,
& ver de Deos, n
ſó hum, ſenão m
varoens. E ſe Deos
fez, quãdo ſó ouvio a quem
lhe diſſe: *Si reſpiciens vide-*
ris: muito maior razaõ, &

...ava guar-
... Rachel.
...chel do
... christo en-
...e. Christo nas-
...mbro, a nossa
...reo em Dezem-
... Christo aos vinte & sin-
...a nossa Rachel aos vinte
... sete; dia em que foi rece-
bida

Z

1089.16